

Por muitos anos, bradou:
 — “A ninguém darei meu cobre...”
 Antonico alimentava
 O medo de ficar pobre.
 E gritou até morrer
 No Sítio de João do Zorro,
 Comendo barro e clamando:
 — “Não agüento! Sei que eu morro!...”

DIA DOS PAIS

Casimiro era bom pai...
 E pai sempre é o companheiro
 Que trabalha todo dia
 Para cavar o dinheiro.
 Para que tanta moeda?
 Ouço a pergunta, assim rasa...
 Não respondo... Pai é sempre
 O grande esteio da casa.
 É a compra em supermercado,
 Levando o carro de mão,
 É a conta da leiteria,
 Da luz, do gás e do pão.
 É a despesa no colégio
 De quatro filhos pequenos,
 O preço da condução,
 Sempre mais, nunca de menos.

É o pagamento ao dentista,
 É a grana da costureira,
 O preço das aulas-extras
 À criançada matreira.
 É a prestação em aumento
 Do pequenino lugar
 Que lhe conserva a família
 Na bênção do próprio lar.
 É a cobrança da farmácia
 Das encomendas do mês,
 O pobre, em sabendo quanto,
 Coça a cabeça outra vez...
 É a verba particular
 Que deve trazer em mão,
 Para os freqüentes consertos
 Da velha televisão.
 É o cobre ao cabeleireiro,
 A conta do eletricista,
 As notas do verdureiro
 Com pagamentos à vista...

Casimiro chega em casa,
 Cansado, suor na testa...
 Trabalhara no domingo
 Mas achou o lar em festa.
 Encontrou seus velhos pais,
 Entre vizinhos em bando,
 A esposa, o bolo mais rico
 E a meninada cantando...
 Sem graça, saudou a todos,
 E, ao encostar-se na mesa,
 O pobre via a festa,
 Meditava na despesa.
 Os quatro filhos cantavam:
 — “Todo pai tem seu dia,
 Viva o papai sempre amigo
 E viva a nossa alegria!...”
 Viva o papai sempre amado
 E viva o nosso vovô!...”
 Mas a pensar em despesas,
 Casimiro desmaiou.